



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE-PB
CENTRO DE EDUCAÇÃO-CEDUC
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

LUIZ CAVALCANTI DE ARAÚJO NETO

**REPENSANDO AS PRÁTICAS DE ENSINO DA GEOGRAFIA: uma análise da
percepção de alunos do 6º ano**

**CAMPINA GRANDE-PB
2017**

LUIZ CAVALCANTI DE ARAÚJO NETO

**REPENSANDO AS PRÁTICAS DE ENSINO DA GEOGRAFIA: uma análise da
percepção de alunos do 6º ano**

Trabalho de conclusão de curso na forma de Monografia apresentado ao Programa de Graduação em licenciatura plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduado.

Área de concentração: Geografia Humana.

Orientadora: Prof. Dr^a. Joana D' Arc Araújo Ferreira.

CAMPINA GRANDE-PB

2017

A658r

Araujo Neto, Luiz Cavalcanti de.

Repensando as práticas de ensino da geografia
[manuscrito] : uma análise da percepção de alunos do 6º ano /
Luiz Cavalcanti de Araujo Neto. - 2017.
39 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2017.

"Orientação : Profa. Dra. Joana D'arc Araújo Ferreira,
Coordenação do Curso de Geografia - CEDUC."

1. Ensino de geografia. 2. Formação de professores. 3.
Recursos didáticos.

21. ed. CDD 372.891

LUIZ CAVALCANTI DE ARAÚJO NETO

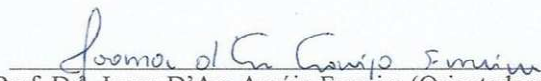
REPENSANDO AS PRÁTICAS DE ENSINO DA GEOGRAFIA: uma análise da percepção de alunos do 6º ano

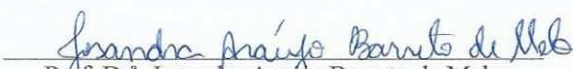
Trabalho de conclusão de curso na forma de Monografia apresentado ao Programa de Graduação em licenciatura plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduado.

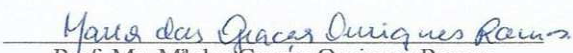
Área de concentração: Geografia Humana.

Aprovado em: 18/12/2014.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr.^a Joana D'Arc Araújo Ferreira (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr.^a Josandra Araújo Barreto de Melo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Ms. M^a das Graças Ouriques Ramos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

RESUMO

Os primeiros anos da vida escolar é um momento crucial para a formação do educando, uma vez que é neste período que as crianças iniciam atividades voltadas essencialmente para sua formação enquanto cidadãos críticos. A Geografia enquanto disciplina escolar é indispensável nessa fase, sendo responsável pela leitura do mundo, da vida e do espaço vivido. De modo que se faz indispensável fazer uma reflexão sobre a importância de se aprender geografia, e principalmente, discutir quais são os desafios enfrentados por essa Ciência para se inserir no universo escolar. O presente estudo teve como objetivo geral avaliar a percepção dos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola estadual do município de Campina Grande-PB, acerca do ensino de Geografia, buscando o entendimento de suas ideias, opiniões, valores e crenças, sobre o exercício dessa disciplina. Bem como analisar quais as principais dificuldades elencadas por eles para aprender esta Ciência; compreender quais seriam as propostas de intervenção que poderiam mudar este quadro, segundo a visão dos mesmos; qual o papel do docente na boa inserção desta Ciência, bem como discutir qual a importância do uso de recursos didáticos no ensino da Geografia. Trata-se de uma pesquisa quanti-qualitativa, que utilizou como instrumento de coleta de dados, um questionário de onze perguntas abertas e fechadas de múltipla escolha. A amostra utilizada foi constituída por trinta alunos. Para a interpretação dos dados, foi utilizada a análise de conteúdo de Bardin (2009), este método permite a interpretação aprofundada do sentido das palavras, através da análise do discurso. Assim, foram criados gráficos onde foi possível analisar as semelhanças, divergências, e peculiaridades nos discursos dos discentes. Concluiu-se através da interpretação dos dados que as principais dificuldades detectadas para o ensino da Geografia no 6º ano do Ensino Fundamental são: a má formação dos professores; a desconexão entre os assuntos estudados e a realidade do aluno; a utilização inadequada ou ausência de utilização de recursos didáticos; bem como a descontextualização dos conteúdos trabalhados, dentre outras questões.

Palavras-chave: Geografia. Discentes. Dificuldades.

ABSTRACT

The early years of school life are a crucial moment for the formation of the pupil, since it is during this period that children start activities focused essentially on their formation as critical citizens. Geography as a school discipline is indispensable at this stage, being responsible for reading the world, life and living space. So it is essential to reflect on the importance of learning geography, and especially to discuss the challenges faced by this science to be inserted in the school universe. The objective of this study was to evaluate the perception of the students of the 6th grade of elementary school of a state school in the city of Campina Grande-PB on the teaching of geography, seeking the understanding of their ideas, opinions, values and beliefs, about the exercise of this discipline. As well as analyzing the main difficulties listed by them to learn this science; understand what the intervention proposals could be that could change this picture according to their vision; what the role of the teacher in the good insertion of this science, as well as discussing the importance of the use of didactic resources in the teaching of Geography. It is a qualitative research, which used as a data collection tool, a questionnaire of eleven open and closed questions of multiple choice. The sample consisted of thirty students. For the interpretation of the data, we used the content analysis of Bardin (2009), this method allows the in-depth interpretation of the meaning of words, through discourse analysis. Thus, graphs were created where it was possible to analyze the similarities, divergences, and peculiarities in the speeches of the students. It was concluded through the interpretation of data that the main difficulties detected for the teaching of geography in the 6th year of elementary education are: poor teacher training; the disconnection between the subjects studied and the student's reality; inappropriate use or lack of use of didactic resources; as well as the decontextualization of the contents worked, among other issues.

Keywords: Geography; Students; Difficulties.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1: Opinião dos alunos sobre a disciplina.....	15
Gráfico 2: Desempenhos dos alunos na disciplina de Geografia.....	16
Gráfico 3: Avaliação do professor de Geografia.....	18
Gráfico 4: Uso de Recursos Didáticos.....	20
Gráfico 5: Opinião dos alunos quanto ao conteúdo e sua relação com o dia-a-dia.....	22

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	10
3	RESULTADOS E DISCUSSÕES	13
3.1	Caracterização da Escola Pesquisada.....	13
3.3	As Lacunas no ensino da Geografia.....	14
3.4	Análises dos Discursos.....	15
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
	REFERÊNCIAS	25
	ANEXOS.....	28

REPENSANDO AS PRÁTICAS DE ENSINO DA GEOGRAFIA: uma análise da percepção de alunos do 6º ano

Luiz Cavalcanti de Araújo Neto¹

1 INTRODUÇÃO

Os primeiros anos da vida escolar é um momento crucial para a formação do educando, uma vez que é neste período que as crianças iniciam atividades voltadas essencialmente para sua formação enquanto cidadãos críticos. Este período da vida escolar é caracterizado principalmente pelo seu caráter formativo, e a Geografia tem papel *sine qua non* na formação de sujeitos questionadores, a partir de uma nova leitura do mundo e do espaço geográfico que vive o educando. Entretanto, desde a sua origem como ciência que esta disciplina enfrentou e ainda enfrenta inúmeras dificuldades para se firmar no meio acadêmico, principalmente nos anos iniciais do ensino. Deste modo, é interessante fazer um resgate histórico desta especialidade, para melhor compreensão do seu percurso e consolidação.

Os desafios enfrentados pela Geografia vêm desde a sua inserção enquanto matéria escolar, que teve sua origem no século XIX, objetivando, inicialmente, formar cidadãos para a difusão de ideias patrióticas dando a esta sua fundação como ciência. Enquanto disciplina, possuía caráter de interesse político e econômico. Nesse período, a Geografia reafirmava conteúdos relacionados à supervalorização do país, com ênfase na extensão territorial e nas belezas naturais (BUITONI, 2010; CAVALCANTI, 1998).

Para ilustrar a origem das dificuldades enfrentadas por essa ciência, Buitoni (2010, p.12) descreve o ensino da Geografia inicialmente em nosso país: “Era também necessário saber descrever as paisagens físicas do globo, os domínios fitogeográficos e as paisagens regionais do Brasil e de cada continente, [...] os grandes vazios populacionais, as concentrações econômicas [...]”, ou seja, ficava claro que a prioridade era a reprodução e a descrição mecânica dos conteúdos geográficos. Cavalcanti (1998) ratifica esta questão caracterizando a Geografia do século XX como: tradicionalista, descritiva, nacionalista e sem nenhuma referencia questionadora.

¹ Aluno de Graduação em Licenciatura Plena em Geografia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
Email: luizcavalcantineto@yahoo.com.br

Estes fatores dão suporte à compreensão das lacunas atuais enfrentadas por essa ciência para produzir conhecimento nas escolas, uma vez que já em sua fundação estariam arraigados a posição de conteúdos meramente ofertados de modo vazio e objetivo, o que pode explicar a reprodução dos fenômenos atuais na produção do ensino geográfico.

A década de 1960 foi de intensas modificações no cenário desta ciência, caracterizando-se pela criação de leis específicas que fizeram a junção desta com a disciplina de História, originando o que se denominava de Ciências Sociais. Tal reforma curricular, teve como consequências a descaracterização do ensino da geografia, amedrontando as instituições escolares e órgãos como Associação Brasileira de Geógrafos (BUIIONI, 2010). Este período foi marcado pela descaracterização da geografia, sendo a disciplina posta a margem, numa posição considerada inferior as demais, unida a outra, portanto, considerada menos importante.

A junção destas disciplinas na fase inicial do ensino retira a originalidade e a essência desta ciência, de modo que pode-se afirmar que chega a desconsiderar sua importância, o que de fato refletiu e ainda reflete na sua posição atual nas escolas brasileiras.

Tal modelo geográfico permaneceu até o final da década de 1980, caracterizando por conteúdos extensos, desconectados da atualidade, repetitivos e direcionados a pura mecanização dos conteúdos, tornando a disciplina pouco atraente, o que pode ser um dos princípios que originaram as dificuldades de inserção desta. Durante a década de 70, o ensino da geografia direcionava-se apenas a conteúdos sobre territórios e países, caracterizando a fragilidade de um ensino sem fundamento teórico/crítico (FONTANELLA, 2007). De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Geografia:

Os procedimentos didáticos adotados promoviam principalmente a descrição e a memorização dos elementos que compõem as paisagens como dimensão observável do território e do lugar. Os alunos eram orientados a descrever, relacionar os fatos naturais e sociais, fazer analogias entre eles e elaborar suas generalizações ou sínteses (BRASIL, 1998).

As mudanças no ensino desta disciplina se deram com a superação dos modelos tradicional e quantitativo de fazer geografia, originando um fazer geográfico de caráter crítico que fora extremamente difundido por Milton Santos, importante teórico e militante desta disciplina. Este novo fazer geográfico resulta na marginalização das meras caracterizações de lugares e dados, e passou-se a supervalorizar os interesses das classes populares. Destarte, pode-se sinalizar que não basta trabalhar os conteúdos críticos, mas o professor deve está

atento para uma reflexão pedagógica que relacione teoria e prática vivenciada pelos discentes (FONTANELLA, 2007; VESENTINI, 1995).

De acordo com Vesentini (1995) a nova Geografia não se apropria apenas a restrição de conscientizar os alunos, mas visa trazer o cotidiano do aluno para a sala de aula através da discussão de temáticas como globalização, problemas ecológicos, interpretação do espaço em que vivem, a partir de fotos, mapas e paisagens. Ora o uso de mapas pode vir a ser utilizado de modo consciente e crítico.

Embora ocorrido tais mudanças, “este novo fazer geográfico” passa então a lidar com desafios para a sua inserção, principalmente nas séries iniciais. De modo que essas reflexões influenciaram e ainda influenciam muitas das práticas de ensino atuais. Deste modo, faz-se indispensável refletir sobre esse processo a partir da discussão dos desafios enfrentados por essa disciplina.

Assim, o presente estudo teve como objetivo geral avaliar a percepção dos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental de uma Escola Estadual do município de Campina Grande-PB acerca do ensino de Geografia, buscando o entendimento de suas ideias, opiniões, valores e crenças, sobre o exercício dessa disciplina. Bem como analisar quais as principais dificuldades elencadas por eles para aprender esta ciência; compreender quais seriam as propostas de intervenção que poderiam mudar este quadro segundo a visão dos mesmos; qual o papel do docente na boa inserção desta ciência, bem como discutir qual a importância do uso de recursos didáticos no ensino da Geografia.

Para atingir esses objetivos, o presente artigo utilizou como metodologia, a pesquisa de campo, a qual foi realizada numa escola estadual do município de Campina Grande-PB, intitulada Escola Estadual de Ensino Fundamental José Pinheiro. Este estudo justifica sua relevância, tendo em vista que a compreensão do estudo da Geografia nas séries iniciais, especialmente no 6º ano, é de suma importância para discussão desta área como leitura de mundo, as dificuldades de aprendizagem relacionadas a esta, bem como para o entendimento de metodologias adequadas para condução adequada dessa ciência, além da contribuição para a melhoria do ensino na escola pesquisada.

Espera-se, com esta pesquisa, contribuir para a necessidade de uma reavaliação quanto à importância desta disciplina e o real espaço que ela ocupa em sala de aula. Uma vez que o ato de compreender essa ciência desenvolve no sujeito uma visão crítica do mundo, tornando-o capaz de ampliar seus conhecimentos, além da análise superficial de mapas, paisagens e territórios.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa em questão foi embasada pela perspectiva quanti qualitativa, por visar responder a questões muito particulares, e, por inclusive, como argumenta Minayo (2010, p. 21-22), “trabalhar com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos”. Quanto aos objetivos, trata-se de uma pesquisa do tipo exploratória, por tratar um problema a partir de hipóteses, bem como discutir questionamentos através de levantamento bibliográfico, entrevista com pessoas que tiveram contato com o objeto de estudo, bem como análise de exemplo sobre a temática (GIL, 2008).

Quanto aos procedimentos, trata-se de uma pesquisa de campo, que visa além da discussão através do levantamento bibliográfico, a coleta de dados junto a pessoas, através de entrevistas, questionários, observação, dentre outros recursos (GIL, 2008). A pesquisa de campo se mostra essencial por que segundo Lakatos (2003) permite que o pesquisador se envolva espontaneamente com o fato pesquisado, vivenciando-o, a autora aponta que este tipo de pesquisa proporciona informações acerca de um problema ou hipótese, a partir do entendimento da gênese deste.

A pesquisa utilizou como campo de estudo a Escola Estadual de Ensino Fundamental José Pinheiro, localizada na zona leste, bairro de periferia do município de Campina Grande-PB (Ver anexos). Como população investigada, encontrou-se uma amostra de 30 alunos. A amostra se delimitou a critérios de inclusão e de exclusão. A amostra foi por conveniência e do tipo intencional. Como critérios de inclusão, julgamos como participantes os alunos do 6º ano do ensino fundamental dos turnos diurnos. Como critério de exclusão, apontamos os alunos do 6º ano do turno noturno, por pertencer ao EJA-Educação de Jovens e Adultos, se tratando de outra modalidade de ensino, com suas particularidades que merecem uma discussão específica.

ANEXO A- Fachada atual da escola



Fonte: Google Imagens

A amostra foi constituída por quatro turmas, duas do período da tarde, e duas da manhã, no turno da manhã foram questionados 10 alunos, 6 de uma turma e 4 de outra, no turno da tarde participaram da pesquisa 20 alunos, 15 alunos de uma turma e 5 de outra, totalizando uma amostra de 30 alunos. A amostra sofreu uma redução, devido à evasão escolar ser bastante significativa nesse período do ano, conforme relato dos professores.

A distribuição de gênero dos alunos pesquisados apresentou-se numa distribuição homogênea, sendo 14 alunos do sexo feminino, e 16 do sexo masculino. Quanto à faixa etária, iniciou-se a partir de 10 anos até os 16 anos, sendo predominante a idade de 12 anos. Participaram da pesquisa: 1 aluno de dez anos; 2 de onze anos, 15 alunos de doze anos; 5 de treze anos; 2 de catorze anos, 3 de quinze anos; e 2 de dezesseis anos. Um dado que merece ressalva é que os alunos na faixa etária acima de 14 anos, são distribuídos em única turma, que eram formadas por alunos repetentes, ou de inúmeras evasões e desistências.

A entrada em campo, como propõe Cruz Neto (2010) buscou primeiro uma aproximação com as pessoas selecionadas para o estudo, de forma gradual, em busca de uma relação de respeito efetivo, numa abordagem preliminar, para em seguida apresentar a proposta de estudo, os objetivos da pesquisa, com os devidos esclarecimentos sobre aquilo que se pretende investigar e as possíveis repercussões favoráveis advindas do processo investigativo, concomitantemente aos esclarecimentos sobre o sigilo em que seria mantida a

identidade dos entrevistados. Deste modo, a entrada em campo se caracterizou por duas fases. A primeira, na qual foi realizado um contato prévio com a gestão da escola selecionada, bem como com os alunos participantes; e a segunda fase, que compreendeu a coleta de dados.

Na primeira fase, na qual se realizou a primeira entrada no campo de pesquisa, nos dirigimos aos gestores da escola, onde foram esclarecidos os objetivos do estudo. Na segunda fase, os participantes da pesquisa foram contatados, explicando-lhes claramente os objetivos da pesquisa, e solicitando anuência em participar da pesquisa através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, posteriormente foi aplicado o instrumento de coleta de dados utilizado, um questionário.

De acordo com Marconi e Lakatos (1999) o questionário se refere a uma série de perguntas que devem ser respondidas por escrito, e tem como vantagens a economia de tempo, a partir da obtenção de um número maior de dados, obtendo respostas mais completas e exatas, além do sentimento de liberdade nas respostas, por evidenciar o anonimato do pesquisado.

O questionário utilizado contou com 11 questões abertas e fechadas de múltipla escolha, que versavam sobre a temática investigada. A escolha das perguntas fechadas de múltipla escolha proporciona uma exploração em profundidade semelhante à qualidade de perguntas abertas. A junção de múltiplas escolhas com as respostas abertas possibilita mais informações sobre o assunto, sem prejudicar a interpretação dos dados como sinalizam Marconi e Lakatos (1999). Assim, foi oferecido aos discentes, abertura nas respostas para que estes se sentissem a vontade sobre seus questionamentos em relação a disciplina de geografia.

A interpretação dos dados deu-se através da análise de conteúdo categorizada de acordo com Bardin (2009), este método permite a interpretação aprofundada do sentido das palavras, através da análise do discurso, levando em consideração aquilo que não está aparente na mensagem partindo dos conteúdos que estão explícitos na fala, versus o que está oculto no discurso. Esse processo se iniciou através da leitura flutuante dos dados, para posterior categorização e interpretação das falas. A análise do conteúdo segue os seguintes passos: categorização, inferência, descrição e interpretação das falas. (BARDIN, 2009). Este método de interpretação permitiu a criação de gráficos, onde foi possível analisar as semelhanças, divergências, e peculiaridades nos discursos dos discentes.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Caracterização da escola pesquisada

A Escola Estadual de Ensino Fundamental José Pinheiro, localiza-se em Campina Grande- PB, na rua Joana D'arc Arruda, número 937, bairro do José Pinheiro, zona leste da cidade. Foi criada em 1967, possuindo 50 anos de história, é uma instituição mantida pelo governo estadual da Paraíba, com corpo docente composto por profissionais concursados em áreas específicas todos com nível superior completo, alguns com pós-graduações em suas respectivas áreas de ensino. No tocante aos docentes com formação na disciplina de geografia, a escola possui apenas dois professores, sendo que um possui mais de vinte anos de formação, e atuação na referida escola.

A escola oferece Ensino Fundamental (6º ao 9ª ano) distribuídos nos turnos manhã, tarde e noite. Além do Ensino Fundamental a escola oferece a modalidade de Educação de Jovens e Adultos – EJA. As turmas ofertadas são distribuídas em 8 pela manhã, 8 no período da tarde e 8 turmas de EJA. Sendo duas turmas de 6º ano pela manhã, e duas à tarde,

Como fator de fundamental importância nesta análise tem-se o reconhecimento do contexto socioeconômico que envolve a escola e a comunidade. A escola localiza-se num bairro de periferia da cidade referida, conhecida pela situação de exclusão e violência que vivem seus moradores. Num olhar atento pôde-se observar que a escola possui uma relação frágil com a comunidade a sua volta.

No primeiro contato observou-se uma escola com uma boa estrutura física. Encontramos salas de aula distribuídas homogeneamente e com dimensões favoráveis, encontram-se ainda sala da direção, secretaria, sala dos professores, cantina, refeitório, biblioteca, sala de informática, laboratório, arquivo, almoxarifado, quadra esportiva, pátio e banheiros com adaptação para necessidades especiais, e sala de vídeo (Ver anexos).

Percebe-se algumas falhas no que se remete ao espaço físico, a escola é provida de amplitude, no entanto ao que se remete ao seu preparo e funcionamento há a necessidade de melhorias. A escola possui 8 salas de aula, amplas, porém pouco arejadas, a iluminação e ventilação das salas precisam de reparos, já que são fatores como de conforto de temperatura que implicam diretamente na concentração ou ausência desta no processo de ensino-

aprendizagem. A escola possui uma estrutura confortável, mas no que tange a utilização dessa infraestrutura encontramos certas dificuldades, o que nos remete a uma análise dos tempos e espaços escolares e a ausência de recursos didáticos adequados, bem como relatado pelos alunos posteriormente.

3.2 As Lacunas no ensino da geografia

Inicialmente é importante compreender a importância de se estudar Geografia, que segundo Callai (1999) é indispensável o estudo do espaço geográfico e suas transformações, formando cidadão críticos capazes de observar, interpretar, analisar, raciocinar, sobre este espaço. Fazendo com que este educando se sinta parte deste espaço, que este se sinta conectado com este, e não um mero coadjuvante deste processo de ensino aprendizagem. Para ratificar esta questão Callai (1999, p.58) afirma que:

O aluno deve estar dentro daquilo que está estudando e não fora, deslocado e ausente daquele espaço, como é a Geografia que ainda é muito ensinada na escola: uma Geografia que trata o homem como um fato a mais na paisagem, e não como um ser social e histórico.

Campos e Silva (2016) afirmam que é importante está atento à desconexão entre os conteúdos estudados, e a realidade dos discentes, ainda alertam que é preciso construir uma geografia que não esteja pautada apenas na figura do docente, e em recursos didáticos incipientes.

É interessante assinalar o papel da nova LDB/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) 9.394/1996, na forma de se construir o ensino geográfico. A partir da LDB/96 os conteúdos de ensino passam a ser discutidos através dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), propondo uma mudança de enfoque aos conteúdos curriculares. Ao invés de um ensino em que o conteúdo é visto de maneira objetiva e restritiva, os PCNs propõem um ensino em que estes sejam visto como mediadores da situação econômica, social e política que estão inseridos os educandos.

O PCN de geografia afirma que a nova Geografia considera as dimensões subjetivas do educando, buscando explicações mais ampliadas, a partir da interdisciplinaridade entre as ciências, a exemplo da Antropologia, Sociologia, Biologia, dentre outras. Deste modo, é possível tratar as relações dos conteúdos com o meio em que o educando está inserido (BRASIL, 1998).

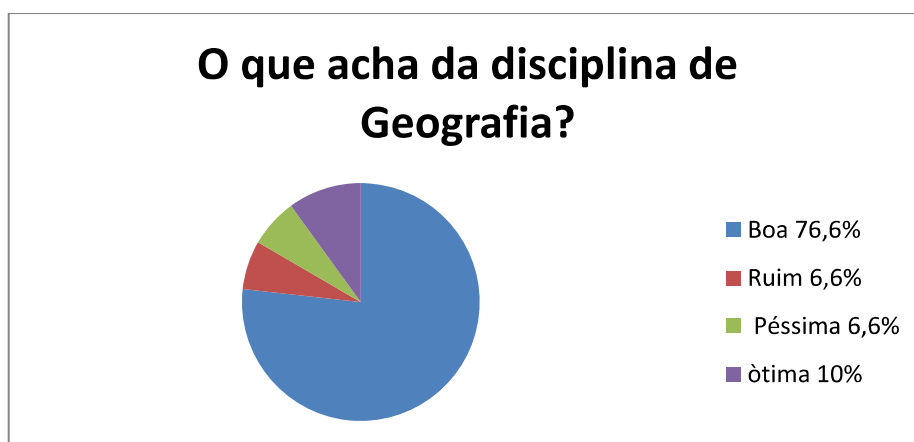
Segundo este importante documento, as principais dificuldades encontradas se tratam da marginalização de conteúdos importantes, como os conceitos de paisagem, lugar, região, dentre outros; modismos relacionados a questões atuais, que não realizam uma aprofundada discussão da origem da temática, citando como exemplo as questões ambientais; ausência de preocupação com as atitudes em relação aos conteúdos estudados; a prática exaustiva da memorização, dentre outras dificuldades (BRASIL, 1998).

3.2 Análise dos discursos

Com base nos resultados obtidos por meio da análise do discurso dos alunos, pode-se enumerar como as principais dificuldades detectadas para o ensino da geografia no 6º ano: a má formação dos professores; a desconexão entre os assuntos estudados e a realidade do aluno; a utilização inadequada por vezes excessiva do livro didático; conteúdos extensos, ausência ou uso inadequado de recursos didáticos, dentre outros problemas.

Quando questionados em perguntas sobre múltipla escolha sobre a sua opinião em relação à disciplina de Geografia, conforme questionário em anexo, a maioria num total de 22 alunos, respondeu que considera uma boa disciplina, o que demonstra que apesar das dificuldades em aprender, existe interesse na ciência, demarcando que existem obstáculos paralelos que impedem uma boa aprendizagem. Dois dos alunos considera a disciplina ruim, dois considera péssima, e 4 consideram ótima. Conforme gráfico a seguir:

Gráfico 1: Opinião dos alunos sobre a disciplina

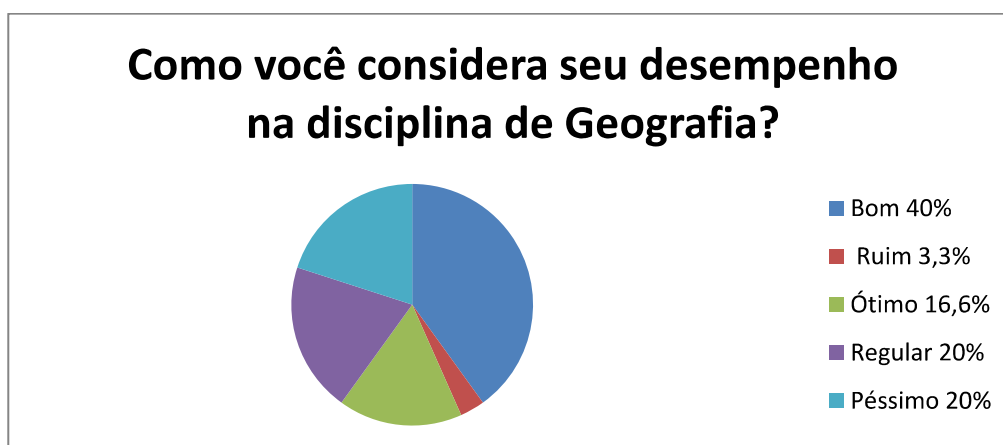


Fonte: Organizado por Luiz Cavalcanti Neto (2017)

No tocante ao desempenho, 12 alunos consideram que apresentam um bom desempenho, 1 afirma ter um desempenho ruim, 5 considera seu desempenho ótimo, 6 considera regular, e 6 considera péssimo. Esses dados apontam um certo equilíbrio entre os alunos que acreditam vão bem, se afirmando com bom ou ótimo desempenho, e aqueles que consideram seu desempenho regular ou péssimo, o que aponta que estes reconhecem as suas deficiências de aprendizagem, conforme analisa-se no Gráfico 2.

Esta questão é assinalada por Reis (2011) ao explicar que o aluno atualmente já reconhece a sua responsabilidade na aprendizagem, bem como a importância da dedicação individual para o bom desempenho escolar. Posteriormente os alunos elencaram as possíveis causas para esse problema de mau desempenho. Entretanto não se pode cair no marasmo ideológico de responsabilização apenas do educando, tendo em vistas os diversos fatores envolvidos na relação ensino-aprendizagem.

Gráfico 2: Desempenho dos alunos na disciplina de Geografia



Fonte: Organizado por Luiz Cavalcanti Neto (2017)

Em uma pergunta aberta que questionava a que eles atribuíam esse mau desempenho, uma boa parte não respondeu, demonstrando que aparentemente não sabia expor o motivo, uma parte atribuía a si mesmo, a culpabilização pelo desempenho ruim, caracterizado em suas falas, Sic: “falta de interesse em estudar”, e uma parte significativa apontou a figura do docente como responsável, considerando as aulas “chatas, cansativas”. A. S. S respondeu: “A professora é chata, e a aula é entediante”.

Essas falas caracterizam o que a literatura tem afirmado como uma deficiência no ensino da Geografia, a lacuna na formação dos docentes. Os alunos pesquisados foram categóricos nas suas respostas ao relacionar o mau desempenho à figura do professor, essas

falas também demarcaram um desejo em aprender com novas metodologias de ensino mais adaptadas as suas realidades e mais atualizadas.

Faz-se ressalva ao fato de que um dos professores de Geografia da escola pesquisada tem mais de vinte anos de atuação na mesma instituição, e apesar da estimada experiência, não se pode perder de vista diversos fatores que influenciam a sua didática de ensino a exemplo: cansaço físico e mental, defasagem salarial, clientela difícil pela comunidade em que está localizada, desatualização dos conteúdos dentre outros fatores.

No tocante à má formação dos docentes, pode-se afirmar que boa parcela dos professores não tem formação específica em Geografia, necessitando de formação continuada. Bem como retrata um cenário de condições de trabalho inadequadas, o que justifica a pouca difusão do assunto entre os docentes, e a fragilidade de investimento na formação para essa disciplina nos anos iniciais da vida escolar (CAVALCANTI, 2008). As condições de trabalho inadequadas foram detectadas pela observação das salas, como citado anteriormente, pouco arejadas, e com altas temperaturas, e com poucos recursos didáticos a serem ofertados.

Sobre esta questão e sua relação com a aprendizagem Cavalcanti (2010) afirma que as representações, em especial da escola pública, traz como comuns dificuldades relacionadas ao uso do livro didático, à má formação dos professores, às condições de salário e trabalho, à violência entre alunos e entre professores e alunos.

Lesann (2009) considera que um dos problemas que chamam atenção para o mau desenvolvimento da ciência geográfica no ensino fundamental, é o relato de professores que afirmam sentir-se pressionados a ministrar conteúdos dos quais não possuem total domínio. Que diversas vezes recorrem ao livro didático, por não dominar outra estratégia de ensino. O mesmo autor salienta que o livro didático não pode ser uma ferramenta de prioridade no ensino desta disciplina, e o foco deve ser um currículo pautado nas necessidades individuais dos discentes. Segundo algumas respostas dos educandos e a observação no momento da coleta de dados, o livro didático é o principal ferramenta didática utilizada na escola pesquisada em quase todas as disciplinas.

O despreparo dos professores para ensinar geografia, também é atribuído à tendência de priorizar outras disciplinas, especialmente português e matemática, caracterizando que a escola não pode mais se resumir a estas disciplinas. Embora indispensáveis, é preciso mais

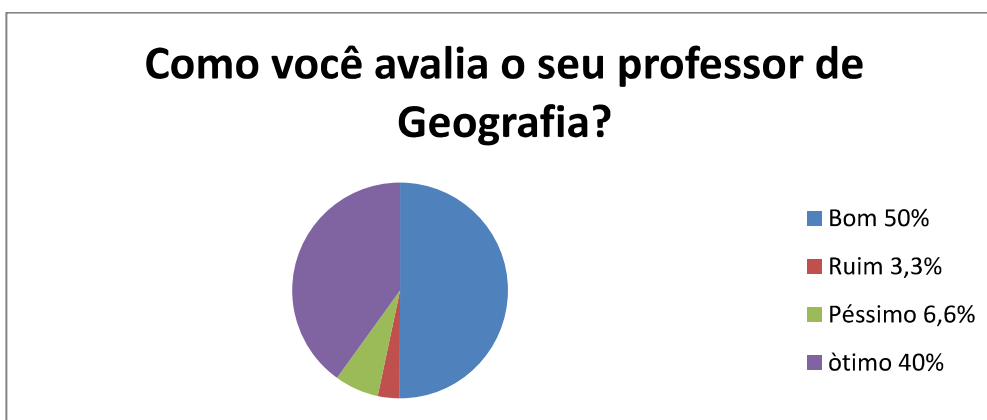
que alfabetizar os educandos, é preciso formar cidadãos, e a geografia tem um papel *sine qua non* neste cenário (VESENTINI, 2009).

Segundo Castrogiovanni (2003; 2009) a formação inadequada dos professores é a questão central, principal desafio a ser superado para a boa inserção do conteúdo geográfico nas series iniciais de ensino. Para o mesmo autor, a culpabilização, a raiz do problema, estaria nas universidades, que geralmente oferecem cursos com currículos insuficientes, com licenciaturas desvalorizadas, provocando nos docentes o desmerecimento da ciência, e até mesmo a visão da licenciatura em posição de inferioridade. Ratificando estas questões:

É imprescindível que o professor tenha uma boa formação para que, ao trabalhar seus temas e conteúdos, garanta ao aluno perceber a identidade da Geografia como área. Portanto, a formação dos professores deve ser condição necessária para que possa estar desenvolvendo adequadamente o seu trabalho. Nesse sentido, tanto a formação básica como a formação continuada são fundamentais para que os objetivos aqui propostos sejam atingidos (BRASIL, 1998).

Na avaliação direta do professor, 15 alunos afirmaram que o professor é bom, 1 respondeu que o professor é ruim, 2 responderam que o professor é péssimo, e 12 responderam que o professor é ótimo. Estas respostas são um tanto paradoxais, uma vez que na questão anterior os alunos atribuem seu insucesso a figura do docente. Essas falas parecem aparentar um temor em responder com veracidade, mesmo que tenha sido sinalizado sobre o sigilo das identidades. Conforme gráfico a seguir:

Gráfico 3: Avaliação do professor de Geografia



Fonte: Organizado por Luiz Cavalcanti Neto (2017)

No que diz respeito ao objeto de estudo da Geografia, as respostas foram reducionistas, e diretivas, caracterizando uma aprendizagem reduzida e pouco se assemelha a

Nova Geografia, ou a Geografia Crítica mencionada por Vesentini (2009; 2009) que trata de questões políticas, que forma cidadãos capazes de opinar, além de meros observadores, sujeitos ativos que analisam e transformam o espaço em que vivem.

As respostas variavam entre planetas, mapas, vulcões, planícies, planaltos, água e paisagens, açudes, dentre outras respostas. Uma quantidade significativa de 8 alunos repetiu que o objeto de estudo da geografia são os mapas, 7 responderam os Planetas, e 6 categorizam a Geografia como estudo dos “acontecimentos do mundo”, esta última ressalva a relação da disciplina com atualidades.

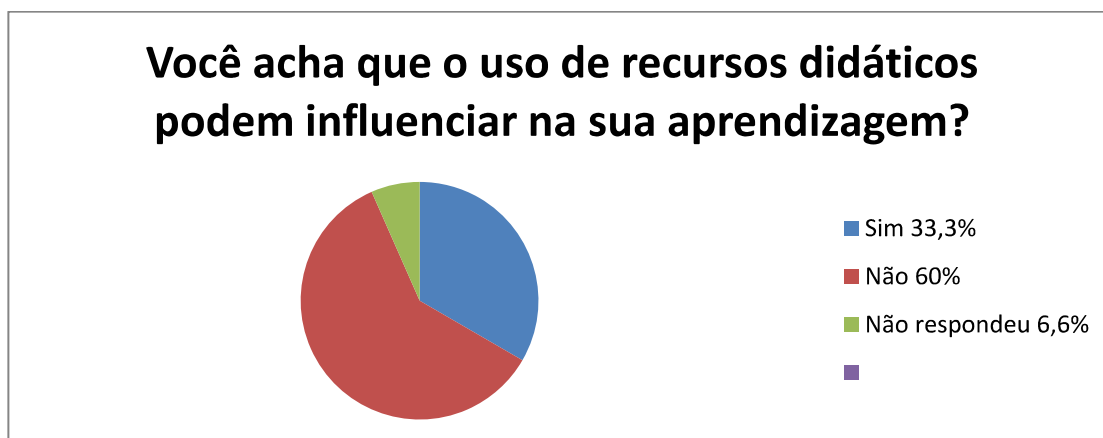
Estes discursos caracterizam a perspectiva de uma Geografia tradicionalista, de memorização, que remonta a sua origem enquanto ciência, uma disciplina de currículo reducionista, pautado na ausência de aplicação dos conteúdos a vida do educando (MEDEIROS, 2010).

Ferreira (2015) afirma que a questão da memorização ausenta a criticidade do aluno, faz com que perca o estímulo, e esquece facilmente o que foi repassado, além de que este passa a estudar apenas para obtenção de notas. Foucher *et al* (2003 p. 16) *apud* Ferreira (2015, p.06) explica que “Tal aluno, no fim do curso primário, nos diz: Eu não gosto da geografia, eu não entendo nada, não me lembro dos nomes dos rios, não sei onde fica o leste ou o oeste”.

Ferreira (2015) também sinaliza que os alunos podem absorver o conteúdo momentaneamente, porém quando consideram o assunto chato, cansativo, ou desinteressante, existe uma forte tendência a não ocorrer aprendizagem de fato, sendo o conteúdo bloqueado mentalmente.

No que diz respeito à importância do uso de recursos didáticos, e sua influência na aprendizagem, 10 alunos consideram que o uso de recursos influencia na sua aprendizagem, enquanto 18 não acredita nessa influência, apenas dois dos alunos não responderam a esta questão. Esse discurso em que a maioria não acredita na importância do uso de recursos está intimamente relacionada à outra questão, onde 70% dos alunos responderam que o professor de Geografia não faz uso dos recursos didáticos mencionados (data-show, notebook, celular, mapas), tal fato faz refletir que por não serem familiarizados com estes recursos, ou com esta metodologia dinâmica de ensino, passaram a desacreditar sua importância. Conforme gráfico 4:

Gráfico 4: Uso de Recursos Didáticos



Fonte: Organizado por Luiz Cavalcanti Neto (2017)

Quando questionados se o professor fazia uso de recursos didáticos mencionados, 6 alunos responderam sim, 21 alunos afirmaram que não, e apenas 3 não responderam. O fato de não fazer uso destes recursos em sala, foram mencionados por alguns profissionais da escola, afirmando que não possuíam, por que foram furtados da escola, estão quebrados, ou nunca foram obtidos. Como o contato com a docente foi rápido, não foi possível detectar se ela acredita ser importante o uso destes recursos.

Quando perguntado sobre quais recursos gostariam de ver utilizados na aula de Geografia a maioria elencou principalmente notebook, e celular, seguidos de data-show, e mapas “grandes”, citados por 4 alunos. Nessa ultima fala, percebe-se que existe a utilização de mapas, porem seu uso é considerado inadequado pelos alunos. O notebook é evidenciado como uma ferramenta de auxilio, na fala de G. F. S “para pesquisar as coisas mais rápido”. Na observação direta a partir da aplicação dos questionários percebeu-se que os alunos utilizam-se como recursos, o livro didático, e que este não pode ser levado para casa, por questões de organização, perdas, dentre outros, o que dificulta ainda mais a relação de ensino aprendizagem.

No tocante ao uso de livros didáticos, os livros normalmente são produzidos pensando o contexto geral brasileiro, marginalizando as realidades regionais De acordo com Santos (2011) segundo o relato dos alunos, os livros de geografia são considerados cansativos, por apresentar linguagem rebuscada, de difícil acesso, principalmente no que se refere à interpretação textual, raramente atendendo a demanda dos educandos.

De acordo com Rodrigues *et al* (2014) o papel do docente é essencial para a inserção do aluno no contexto social que a geografia oferece, pois cabe ao educador utilizar métodos

que possam contribuir na socialização dos conteúdos de forma adequada e atraente, propiciando a compreensão do espaço vivido como um espaço também social e de formação crítica.

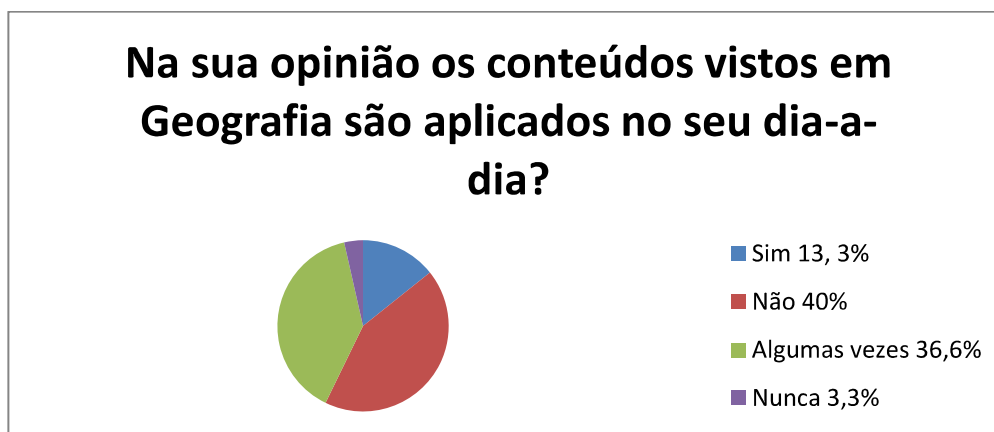
Os autores supracitados salientam a importância do uso de novas tecnologias para aumentar o interesse dos educandos, gerando uma relação de envolvimento, motivação, e uma visão crítica acerca dos conteúdos abordados, o que é muito importante, visto que são qualidades necessárias para a formação de um bom cidadão.

Buscando a superação das dificuldades de desinteresse dos educandos, Rodrigues *et al* (2014, p.07) ressaltam a utilização de outras linguagens e recursos didáticos a exemplo de “fotografias, filmes, maquetes, desenhos, mapas temáticos, imagens de satélite, músicas, textos, reportagens, televisão [...]”. Estes elementos podem ser considerados ferramentas facilitadoras da construção do conhecimento geográfico, quando usufruídos de maneira bem planejada e organizada.

Entretanto, sem sombra de dúvidas um dos principais desafios a serem superados é trazer o conteúdo geográfico para a rotina, para a realidade dos alunos, e não apenas com dados e informações que pareçam distantes da realidade e na qual se possa compreender o espaço construído pela sociedade (CALLAI, 2005). Deste modo, compreende-se que o conteúdo estudado deve aproximar o educando do espaço geográfico em que ele vive, através de uma relação corporal, afetiva e social.

Sobre esta questão, apenas 4 alunos responderam que sim, os conteúdos são aplicados na sua rotina, enquanto 12 responderam que não, 16 responderam algumas vezes, 1 respondeu nunca, e 2 não responderam a este questionamento. Nos discursos desses alunos existe uma certa “confusão”, sobre o uso destes recursos, quanto a dificuldade de relacionar conteúdos geográficos ao dia-a-dia do educando, uma vez que o número que afirma que não faz uso, e os que acreditam que se utiliza algumas vezes se equiparam. As falas parecem ocultar um desconhecimento sobre o conceito de recursos didáticos, apesar de vir explícito nas perguntas.

Gráfico 5: Opinião dos alunos quanto ao conteúdo e sua relação com o dia-a-dia



Fonte: Organizado por Luiz Cavalcanti Neto (2017)

Callai (2005) ressalta a importância de enfatizar aos educandos o porquê de se estudar geografia: para adquirir conhecimento de mundo, conhecer o espaço, e formar sujeitos críticos. Uma vez que as séries iniciais do ensino, é o pontapé inicial para a formação de “sujeitos de ação”, a geografia tradicional continua sendo destaque para a construção do conhecimento, entretanto, faz-se necessário contextualizá-la.

Este espaço geográfico tão discutido deve agora ser evidenciado a partir do cotidiano do educando, de modo que possa existir elementos necessários para o questionamento das contradições da sociedade. É preciso ir além dessa geografia descritiva e reduzida a enciclopédia (CAVALCANTI, 2002; 2008).

Destarte, torna-se evidente a importância desta ciência, de modo que os alunos devem ser estimulados a compreender a vida em sociedade considerando as diferenças socioculturais e econômicas, tornando-os cidadãos questionadores, com verdadeiras atitudes geopolíticas. Embora disciplina de valor, sua realidade está associada ao fracasso escolar e desinteresse dos educandos.

Batista (2004) alerta que os professores devem estar atentos ao modo como conteúdo vem sendo transmitido em sala de aula, para a possível inserção deste ao cotidiano do educando, é preciso considerar-se as diversas peculiaridades que se impõe ao aluno, inclusive o contexto regional que ele está inserido. Uma vez que não faz sentido lógico e nem é atrativo para estes a discussão de um espaço que não faça sentido em suas histórias de vida.

Os discentes não aceitam mais a posição de meros objetos, reféns da educação. Os alunos questionam o porquê dos fenômenos, das transformações. Neste sentido se aplica a relação conteúdo versus realidade do aluno. Inúmeras vezes, professores questionam não

compreenderem por que do desinteresse pela ciência geográfica, a resposta estaria no método adotado, que justamente distancia-se cada vez mais do cotidiano do educando. (SANTOS, 2011).

Silva, *et al* (2014) compreende que despertar o interesse do aluno para a real aprendizagem não é uma tarefa fácil. É indispensável que o educador faça uso de uma linguagem atraente, que essa linguagem se aproxime do que o aluno vivencia.

A última questão elencava as dificuldades citadas pelos alunos na aprendizagem desta ciência, uma parte paradoxalmente respondeu não possuir dificuldades, outra parte frisou o conteúdo extenso, o uso de gráficos, e o próprio comportamento de indisciplina. Uma fala chama atenção G. F. S afirma que “Muita coisa para aprender, parece que nunca vai acabar”. As falas alertaram mais uma vez para a necessidade na mudança de estratégia na didática de ensino, para uma que se adeque melhor as necessidades dos alunos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destarte, se compreende que o educador tem um papel indispensável para a superação dos obstáculos que sobrepõe a Geografia como disciplina escolar. O professor é um mediador do ensino-aprendizagem, e para que isso ocorra de forma prazerosa e atraente para os alunos, é preciso que este avalie inicialmente a sua formação, uma vez demonstrado pela literatura a dificuldade de se ensinar Geografia, quando se possui formação precária ou não específica, busca-se como solução a formação continuada.

Transmitir mecanicamente o conhecimento da Geografia não é o suficiente, é preciso que o educador tenha uma visão diferenciada, interdisciplinar, entendendo que é possível utilizar a disciplina da Geografia não só para alfabetizar, mas com a finalidade de formar cidadãos dotados de criticidade, e para que isso ocorra faz-se necessário levar em consideração o conhecimento que o aluno já traz, interligando o conteúdo com a sua realidade.

Deste modo, entende-se também que a correta escolha dos recursos pedagógicos, trará benefícios inestimáveis, pois os mesmos usados de forma adequada garante um aprendizado significativo facilitando o melhor entendimento do conteúdo exposto.

REFERÊNCIAS

BATISTA, A. L. **O ensino da geografia nas séries iniciais**. Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao curso de geografia da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB. Campus Pombal-PB, 2014. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/8078> Acesso em: 02-04-2017.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: geografia** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1998. 156 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/geografia.pdf> Acesso em : 22-11-2017.

BUITONI, S. **Coleção explorando o ensino. Geografia: ensino fundamental** /Coordenação, Marisia Margarida. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. 252 p. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7838-2011-geografia-cap-a-pdf&category_slug=abril-2011-pdf&Itemid=30192 Acesso em: 01-04-2017

CAVALCANTI, L. de S. **Geografia, escolar e construção de conhecimentos**. Campinas (São Paulo): Papirus, 1998.

CAVALCANTI, L. de S. **A Geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas, SP: Papirus, 2008.

CAVALCANTI, L. de S. **Geografia e Práticas de Ensino**. Goiânia. Alternativa, 2002.

CAVALCANTI, L. de S. **A geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas**. Anais do I seminário nacional: currículo em movimento – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7167-3-3-geografia-realidade-escolar-lana-souza/file> Acesso em: 24-11-2017.

CASTROGIOVANNI, A. C. **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões** /org. Antonio Carlos Castrogiovanni – Porto Alegre: Editora da UFRGS/ Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2003.

CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

CALLAI, H. C. **Aprendendo a ler o mundo: A geografia nos anos iniciais do ensino fundamental**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n66/a06v2566.pdf> Acesso em : 05-04-2017.

CALLAI, H. C. Grupo, espaço e tempo nas séries iniciais. In: CALLAI, H. C.; SCHÄFFER, N. O. KAERCHER, N. A. (Org.) **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre: Ed. UFRGS/AGB-Seção Porto Alegre, 1999. p. 65-74.

CAMPOS, D. L. C. SILVA, R. N. L. **Ensino e aprendizagem da geografia: percepção e expectativa dos alunos da E.E.E.F.M. Rodrigues Pinagé.** XVII Encontro Nacional de Geógrafos. A construção do Brasil Geografia Ação Política e Democracia. São Luis- MA. 24 a 30 de julho de 2016. Disponível em :

http://www.eng2016.agb.org.br/resources/anais/7/1468118135_ARQUIVO_ENSINOEAPRENDIZAGEMDAGEOGRAFIAPERCEPCAOEEXPECTATIVADOSALUNOSDAE.E.E.F.M.RODRIGUESPINAGE.pdf Acesso em : 27-11-2017.

CRUZ NETO, O. **O trabalho de campo como descoberta e criação.** In: MINAYO, M.C. de S. (Org.) Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Coleção tema sociais. 29º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

FERREIRA, G. **Geografia escolar: a percepção dos alunos do ensino fundamental do Colégio Estadual Padre Eduardo Michelis.** EDUCERE. XII Congresso Nacional de Educação. Formação de Professores, Complexidade e Trabalho Docente. 26-07 a 29-07 de 2015. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/17402_7508.pdf Acesso em : 20-11-2017.

FONTANELLA, V. V. S. **O ensino da Geografia nas séries iniciais do ensino fundamental.** Monografia apresentada a Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2007. Disponível em: <http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/000032/000032ED.pdf> Acesso em: 25-03-2017

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica.** 5 ed. São Paulo : Atlas 2003.

LESANN, J. **Geografia no Ensino Fundamental I.** Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

MARCONI, M. A. LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 1999.

MEDEIROS, L. S. **O currículo escolar de geografia e a construção do conhecimento: um olhar para a prática pedagógica do professor de geografia.** Dissertação apresentada à coordenação do Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGG, da Universidade Federal da Paraíba-UFPB, 2010. Disponível em: http://www.geociencias.ufpb.br/posgrad/dissertacoes/lucy_medeiros.pdf Acesso em: 23-11-2017.

MINAYO, M.C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Coleção tema sociais. 29º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

REIS, J. R. S. **O fracasso escolar como culpa do aluno: A escola como fábrica.** Universidade de Brasília. Faculdade de Educação. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Julho, 2011. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/3222/1/2011_JalesRenanSilvaReis.pdf Acesso em: 22-11-2017.

RODRIGUES, J. O. *et al.* **A importância do ensino da geografia e o uso das tecnologias nas séries iniciais.** VI Congresso Norte Mineiro de Pesquisa em Educação. Universidade, História e Memória. 2014. Disponível em:

<http://www.copednm.com.br/sesto/index.php/component/content/article/2-geral/14-sessoes-de-comunicacoes-orais-individuais> Acesso em: 30-03-2017

SANTOS, J. M. A. **Introdução do ensino da geografia nas séries iniciais do ensino fundamental (1º e 2º anos)**. 39 p. GEA/UAB – IH – UnB, Licenciado. Geografia, 2012. Monografia de Trabalho Final em Geografia II. Universidade de Brasília. Instituto de Ciências. Departamento de Geografia. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/5205/1/2012_JoseMiltonAlvesdosSantos.pdf Acesso em: 28-03-2017

SANTOS, S. R. DOS. **O desafio do ensino da geografia nas séries iniciais**. Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao curso de geografia da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB. Campus João Pessoa-PB, 2011. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/2891> Acesso em: 03-04-2017

SILVA, M. M. C. *et al.* **Dificuldades de aprendizagem no ensino de geografia no 7º ano da U.E. Florisa Silva em Canto do Buriti-PI**. Pesquisar - Revista de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia Florianópolis. Universidade Federal de Santa Catarina. , v. 1, n. 2, out. 2014.

VESENTINI, J. W. **O ensino da geografia no século XXI**. São Paulo: 1995

VESENTINI, J. W. **Repensando geografia escolar para o século XXI**. São Paulo. Plêiade, 2009.

VESENTINI, J. W. **Ensaio de geografia crítica: história, epistemologia e (geo)política**. São Paulo: Plêiade, 2009. 220 p.

ANEXOS

ANEXO A- Fachada atual da escola

Fonte: Google Imagens

ANEXO B- Pátio da escola

Fonte: Google imagens

ANEXO C- Pátio da escola Projeto PIBID



Fonte: Google imagens

ANEXO D- Pátio da escola Projeto PIBID realizado pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Fonte: Google imagens

ANEXO E- Sala de Vídeo



Fonte: Google imagens

ANEXO F- Entrada da escola

Fonte: Google imagens

ANEXO G- Sala de aula

Fonte: Google imagens

ANEXO H- Biblioteca



Fonte: Google imagens

ANEXO I-Questionário

Idade_____ Sexo : Masculino () Feminino ()

1.O que você acha da disciplina de Geografia?

Boa () Ruim () Péssima () Ótima ()

2. Na sua opinião, o que a Geografia estuda?

3.Como você considera seu desempenho na disciplina de Geografia?

Bom () Ruim () Ótimo () Regular () Péssimo ()

4.Se respondeu Ruim ou Péssimo, a que você atribui esse mau desempenho?

5. Para você, existem dificuldades em aprender disciplina de Geografia?

Sim () Não ()

6. Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades para aprender Geografia?

7. Você acha que o uso de recursos didáticos diferenciados (data-show, notebook, celular, mapas, pesquisa de campo, etc) podem influenciar na aprendizagem da disciplina de Geografia?

Sim () Não ()

8. Na sua turma, o professor faz uso de algum desses recursos? Se sim, quais?

Sim () Não ()

9. Quais dos recursos que não são utilizados você gostaria de ter na sua aula de Geografia?

10 Como você avalia o seu professor de Geografia?

Bom () Ruim () Péssimo () Ótimo ()

11. Na sua opinião os conteúdos vistos na disciplina de Geografia são aplicados no seu dia-a-dia?

Sim () Não () Algumas vezes () Nunca ()

12. Na sua opinião, o que deveria melhorar na disciplina de Geografia?

Sua participação é muito importante, obrigado!

ANEXO J – Termo de Consentimento

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) participante:

Sou estudante do curso de graduação em Geografia na Universidade Estadual da Paraíba-UEPB. Estou realizando uma pesquisa sob supervisão do(a) professor(a) Dr^a Joana D'Arc, cujo objetivo é avaliar a percepção dos alunos do 6º ano sobre o ensino da disciplina de Geografia. Sua participação envolve responder um questionário de 11 questões, com perguntas abertas e fechadas.

A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo.

Na interpretação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo(a).

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pelo(s) pesquisador(es) Fone: 991782184

Atenciosamente

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Nome e assinatura do participante

Local e data